

ÍNDICE

- 7 **1. Introdução**
MANUEL BAIÔA
- 29 **2. A legislação eleitoral durante a Primeira República (1910-1926)**
MANUEL BAIÔA | ANTÓNIO JOSÉ QUEIROZ
- 43 **3. As eleições para a Assembleia Nacional Constituinte – 1911**
PEDRO FIGUEIREDO LEAL
- 55 **4. As eleições suplementares de 1913**
PEDRO FIGUEIREDO LEAL
- 67 **5. As eleições legislativas de 1915**
PEDRO FIGUEIREDO LEAL
- 81 **6. As eleições legislativas de 1918**
ANTÓNIO JOSÉ QUEIROZ
- 97 **7. As eleições legislativas de 1919**
ANTÓNIO JOSÉ QUEIROZ
- 109 **8. As eleições legislativas de 1921**
MANUEL BAIÔA
- 139 **9. As eleições legislativas de 1922**
MANUEL BAIÔA
- 155 **10. As eleições legislativas de 1925**
MANUEL BAIÔA
- 193 **11. Os deputados do Alentejo durante a I República.
Perfil social e político**
MANUEL BAIÔA
- 225 **12. Conclusão**
MANUEL BAIÔA | ANTÓNIO JOSÉ QUEIROZ | PEDRO FIGUEIREDO LEAL
- 241 **13. Quadros com os resultados eleitorais por Círculo**
- 271 **14. Fontes e Bibliografia**

1. INTRODUÇÃO

MANUEL BAIÔA

Este livro resulta de uma investigação desenvolvida ao longo de vários anos no Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora (CIDEHUS.UE)¹, tendo sido iniciada no «Projeto Âncora» sob sugestão da Professora Doutora Mafalda Soares da Cunha. Teve a coordenação de Manuel Baiôa (CIDEHUS.UE) e o contributo de António José Queiroz (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e de Pedro Figueiredo Leal (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

O Partido Republicano Português (PRP) teve um crescimento assinalável na fase final da Monarquia, em particular nas zonas urbanas. As organizações republicanas no Alentejo tiveram algumas dificuldades de consolidação inerentes às zonais rurais do interior, dominadas pelos caciques monárquicos. As características do PRP, ligado a uma pequena elite burguesa, também não facilitaram a fixação deste partido nesta região. Ainda assim, o Alentejo foi a região do interior de Portugal onde o PRP conheceu os maiores êxitos e a maior implantação². Por isso, não é de estranhar que em 1908 o deputado regenerador, João de Sousa Tavares, tivesse avisado o novo governador civil de Beja, João Jardim de Vilhena, para se preparar para enfrentar alguns problemas, pois esse distrito tinha «uma população minada pelos republicanos»³.

As ideias republicanas começaram a circular no Alentejo logo após a constituição do primeiro diretório do Partido Republicano Português em 1876. Nessa altura, mais do que um partido, existia uma frente dispersa e diversa de organizações que defendiam o ideário republicano. A estruturação do partido reforçou-se gradualmente nas décadas seguintes, principalmente após a realização do seu primeiro congresso em 1883. Contudo, a afirmação do republicanismo no Alentejo só ganhou uma forte consolidação após 1906, ainda que

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto UIDB/00057/2020.

² Valente, 2010, 61-83; Rollo, Nunes, 2021, 141-157.

³ Vilhena, 1960, 114.

nas décadas anteriores se tivessem criado algumas comissões, centros e jornais republicanos⁴.

Em 1910, antes da revolução republicana, o PRP estava organizado em comissões em 71% dos distritos e em 57% dos concelhos do continente. O PRP tinha comissões distritais nos três distritos transtagãos. Ao nível das comissões concelhias tinha uma forte implantação no Sul e no litoral alentejano. No distrito de Beja possuía comissões em 71% dos concelhos, faltando-lhe estar organizado em Alvito, Mértola, Moura e Barrancos. No distrito de Évora tinha comissões concelhias em 54% dos concelhos. Não tinha comissões concelhias em Mourão, Reguengos de Monsaraz, Alandroal, Vila Viçosa, Arraiolos e Mora. No distrito de Portalegre apenas tinha comissões em 40% dos concelhos, não estando organizado em Nisa, Gavião, Crato, Marvão, Monforte, Fronteira, Alter do Chão, Ponte de Sor e Campo Maior. No início de 1910 o PRP estava implantado em 11% das paróquias do continente com comissões republicanas. No Alentejo chegava aos 10% do distrito de Portalegre, aos 12% no distrito de Évora e aos 26% no distrito de Beja⁵. Já ao nível dos centros políticos, clubes, centros escolares e associações, possuía dois no distrito de Portalegre⁶, cinco no distrito de Évora⁷ e dois no distrito de Beja⁸.

O número de conferências, comícios e palestras promovidas pelos republicanos cresceu consideravelmente no Alentejo a partir de 1906, mesmo em períodos não eleitorais. Esta situação era o reflexo de uma melhor estruturação do partido e do crescimento considerável do número de comissões políticas e adesões à causa republicana. A visita de figuras nacionais do Partido Republicano Português ao Alentejo conseguia mobilizar alguns milhares de apoiantes, como no comício ocorrido em Évora, a 17 de fevereiro de 1907. Este comício realizou-se no Centro Republicano Democrático Liberdade em que tomaram a palavra António José de Almeida, Agostinho Fortes, Sá Pereira e Evaristo Cutileiro. Ainda em Évora merece destaque o comício republicano realizado no dia 26 de agosto de 1908, que teve larga adesão da população e em que participaram Bernardino Machado

4 Catroga, 2000, 11-42; Travessa, Freitas, 2007, 12-13; Rodrigues, 2010, 79; Frota, 2010, 101-114; Ventura, 2010, 7-35; Piçarra, Mateus, 2010, 7-30; Finha, 2010, 4-25; Piçarra, 2019a, 6-9; Redondo Cardeñoso, 2021, 47-76.

5 Marques, 1991, 409; Ventura, 2010, 28-31; Ventura, 2013a, 629-634; Piçarra, 2019a, 6.

6 Centro Democrático de Portalegre e Centro Republicano Castelovidense.

7 Centro Republicano Eborense; Centro Republicano Liberdade – Évora; Centro Republicano Heliodoro Salgado – Vendas Novas; Centro Escolar Democrático Montemorensense; Centro Republicano de Portel.

8 Centro Democrático de Aljustrel e o Centro Escolar Democrático Aresta Branco inaugurado em Beja no dia 8 de dezembro de 1908.

e Afonso Costa. Também tomou a palavra a jovem eborense Ana Laura Chaveiro Calhau, que, com apenas 16 anos, se tornou na primeira mulher a falar num comício político no Alentejo. Em Portalegre realizou-se outro grande comício no dia 16 de julho de 1907, que contou com a presença de Bernardino Machado, António José de Almeida, Brito Camacho e Agostinho Fortes. Já em Beja o maior comício realizado antes da implantação da República ocorreu no dia 8 de dezembro de 1908, por ocasião da inauguração do Centro Escolar Democrático Aresta Branco, que contou com a participação de Brito Camacho e Bernardino Machado. No dia 26 de maio de 1910 Bernardino Machado e António José de Almeida deslocaram-se a Montemor-o-Novo para a inauguração do Centro Escolar Democrático Montemorense. Os dois ilustres republicanos foram recebidos na estação de Torre da Gadanhã por João Luís Ricardo, presidente da Comissão Municipal do PRP de Montemor-o-Novo, Estêvão Pimentel, dirigente da equivalente eborense, três destacados delegados da Comissão Municipal de Viana do Alentejo, bem como por uma grande massa de «povo republicano», que em cortejo se dirigiram à vila ao som d'A Portuguesa, entoada pela banda filarmónica do Escoural e dos foguetes que estralejavam no ar. Em Montemor-o-Novo houve um comício onde tomaram a palavra os líderes nacionais e locais do PRP, com palavras de incentivo ao republicanismo e críticas ao governo e aos partidos monárquicos. A jornada republicana terminou com um banquete no hotel da vila, onde os convidados foram homenageados pelos correligionários locais⁹. Estes cinco comícios republicanos são apenas um exemplo, entre dezenas de outros, bem como de inúmeras reuniões e manifestações públicas que ocorreram nestes anos nas diversas localidades alentejanas¹⁰.

A imprensa republicana também teve um forte crescimento no final do século XIX no Alentejo¹¹. No distrito de Beja assinala-se a fundação, em 9 de julho de 1885 do semanário *Nove de Julho*, sob a direção de Luís Filipe Vargas, com sede na cidade de Beja. Este jornal começou a intitular-se jornal republicano independente a partir de 1905 e em 18 de março do mesmo ano circularia com o subtítulo «Órgão do Partido Republicano do Baixo-Alentejo», passando António Aresta Branco a ser o seu diretor. Ao longo da sua existência teve a colaboração de diversas personalidades regionais, com destaque para José Jacinto Nunes, famoso republicano residente em Grândola. Em 1906, dois dos seus responsáveis, Luís Filipe Vargas e Carlos Marques, foram a julgamento acusados de atentado à liberdade de imprensa, por terem publicado artigos sobre os adiantamentos do erário público à coroa. No dia 12 de março de 1906, Alexandre Braga, advogado defensor

9 Fonseca, 2021, 70-72.

10 Frota, 2010, 4-11; Ventura, 2010, 7-35; Piçarra, Mateus, 2010, 7-30; Piçarra, 2019a, 6-9.

11 Nunes, 2021, 173-182.

destes republicanos, deslocou-se à cidade de Beja, tendo-se formado uma grande manifestação republicana à sua chegada que foi violentamente reprimida por uma força de Cavalaria e da Polícia Municipal enviada pelo governador civil, Sebastião Maria Sampaio. Este jornal viria a cessar a sua publicação em 5 de março de 1910. Em Odemira começou a ser publicado em 24 de outubro de 1897 *O Odemirense*, semanário republicano, órgão da comissão municipal republicana do concelho de Odemira. Tinha como proprietários e redatores Augusto Neves e Baptista Ribeiro. Apenas foram editados sete números, tendo terminado a sua publicação em 5 de dezembro de 1897. O jornal *O Porvir* começou a ser publicado em Beja em 5 de abril de 1906, com o subtítulo «Semanário Democrático Independente», sendo editor e administrador, Carlos Augusto das Dores Marques. Este jornal destacou-se pela divulgação dos ideais republicanos e das iniciativas políticas do Partido Republicano Português na região até ao final da I República¹².

No distrito de Portalegre também foram fundados alguns títulos que defendiam os ideais republicanos. O *Correio de Elvas* foi publicado em 1889 pelo Centro Republicano de Elvas. Em 3 de abril de 1892 começou a circular em Portalegre o semanário *Comércio do Alentejo*. Inicialmente seguiu uma orientação independente. Contudo, a partir de 13 de abril de 1893 passou a ter como subtítulo, «Folha Democrática», publicando frequentemente notícias sobre a comissão republicana de Portalegre que tinha sido criada no ano anterior. Finalmente, em 13 de agosto de 1893 no cabeçalho surge com a designação de «órgão do Partido Republicano no distrito de Portalegre». Teve como diretores Francisco Rodrigues de Gusmão, António José Lourinho, Frederico Porto e Augusto César Rolo e como colaboradores Eusébio Leão e José Jacinto Nunes, entre outros vultos do republicanismo. O seu último número é datado de 4 de março de 1894. No Gavião começou a ser publicado em 22 de setembro de 1892 o semanário *Norte do Alentejo*, com uma orientação claramente republicana, sob a direção de Francisco Eusébio Lourenço Leão. Saíram apenas quatro números, sendo o último dado à estampa em 13 de outubro de 1892. Com data de 1 de maio de 1893, circulou em Portalegre (e enviado para vários jornais de Lisboa e Porto) um número único gratuito comemorativo, intitulado *O 1.º de Maio*, elaborado por operários, alguns dos quais associados ao Partido Republicano Português. Entre 15 de dezembro de 1901 e 15 de março de 1903 foi publicado em Portalegre o semanário *O Amigo do Povo*. Era um jornal independente, embora com uma orientação maioritariamente anarquista, socialista e republicana, de crítica à Monarquia. A edição e administração do jornal estavam a cargo de Luís Augusto de Almeida Saraiva (um antigo

12 Piçarra, Mateus, 2010, 7-30; Sá, Rêgo, 2011, 149, 151 e 163; Piçarra, 2019a, 6-9; Redondo Cardeñoso, 2021, 47-76.

sargento expulso após o 31 de janeiro), e posteriormente, de António Joaquim Costa (a partir do n.º 22, 1.5.1902). Contudo, era Emílio Martins Costa o verdadeiro dinamizador do jornal. Em 8 de março de 1908 iniciou a sua publicação em Portalegre o semanário republicano *Intransigente*. Tinha como diretores Apolino Augusto Marques, Baltazar de Almeida Teixeira e José Alves Sequeira. Teve como colaboradores alguns nomes importantes do republicanismo regional e nacional, tais como: Maria Veleda, Emílio Costa, João Chagas, Henrique Caldeira Queirós, João Camoesas e Eusébio Leão. A redação passou a estar instalada a partir do n.º 34 no Centro Democrático de Portalegre, que se situava Rua da Mouraria, 14. Este jornal teve um papel fundamental no reforço da republicanização do concelho e distrito de Portalegre. O *Intransigente* terminou a sua publicação em 31 de janeiro de 1913¹³.

No distrito de Évora, em 5 de novembro de 1893 saiu o número único do semanário republicano *Folha Meridional*, com sede em Montemor-o-Novo. Foi seu editor Carlos da Silva. A partir de 4 de fevereiro de 1897, na sede do distrito, começou a ser publicado em Évora o bissemanário, satírico, noticioso e político *A Rabeca*. Este jornal era dirigido por Manuel Vicente Ventura, que seguia a linha de Azedo Gneco, ligado à fação socialista-anarquista próxima do republicanismo. Devido a problemas com as autoridades locais e com Arcebispo de Évora, o seu diretor acabaria por ser preso, sendo o jornal suspenso em 20 de abril de 1899. O semanário manuscrito e copiografado, *A Lucta*, iniciou a publicação em Évora a partir de 12 de setembro de 1897. Era dirigido por J. Roberto da Silva, tinha um cariz republicano e ficou conhecido por criticar duramente o governo. O seu diretor, devido às altercações em que esteve envolvido, que o levaram a tribunal, chegou a ser alvo de algumas agressões. As autoridades interditaram a publicação do jornal a partir de 19 de dezembro de 1897. Em 1 de janeiro de 1901 iniciou-se a publicação, em Montemor-o-Novo, do semanário *Democracia do Sul*. Órgão do Partido Republicano Português, foi dirigido inicialmente por Joaquim Pedro de Matos. O jornal contou com o apoio financeiro de Leão Magno Azedo e com a colaboração de várias figuras do republicanismo, como António José de Almeida, Guerra Junqueiro e Brito Camacho. Em 2 de agosto de 1917, o jornal transferiu a sua sede para Évora. Em 1904 iniciou a publicação em Évora o semanário *A Voz Pública*, tendo como diretor o médico republicano Evaristo José Cutileiro, que, em 15 de janeiro de 1907, assumiria a sua propriedade. O jornal passaria então a subintitular-se *Semanário Republicano*. Devido aos problemas de saúde do seu diretor e proprietário, o jornal conheceu alguns períodos de suspensão. A 16 de março de 1907, *A Voz Pública* mudou a redação para a sede do Partido Republicano

¹³ Ventura, 1991, 33-71; Ventura, 2010, 7-35, 106-107; Sá, Rêgo, 2011, 43, 72 e 117; Castro, 2015, 59.

Português em Évora, na Rua da Freiria de Baixo, retomando então a sua atividade regular. Em agosto de 1909, este periódico foi vendido a José Bento Rosado, que era seu redator e membro do Centro Liberdade. As funções de diretor passaram a ser desempenhadas por Estêvão Augusto da Cunha Pimentel (proprietário e bacharel). Um ano depois, a 9 de agosto de 1910, no cabeçalho do jornal surge como redator principal o médico Júlio do Patrocínio Martins, candidato pelo Partido Republicano Português às eleições legislativas de 28 de agosto de 1910¹⁴.

O crescimento e consolidação do Partido Republicano Português no Alentejo durante a Monarquia foi obra de um conjunto vasto de notáveis. Esta elite republicana era maioritariamente descendente de proprietários que tinham ido estudar para as escolas superiores de Lisboa, Coimbra e Porto, tendo aí aderido ao ideário republicano. Posteriormente, quando regressaram ao Alentejo, passaram a exercer as profissões de médico, advogado e farmacêutico, entre outras, e a gerir as propriedades familiares. Simultaneamente, tornaram-se polos irradiadores desse ideário. A ação política e o exemplo de vida e de cidadania destes jovens republicanos contribuíram decisivamente para a sua expansão nas terras alentejanas. Conseguiram ainda mobilizar um conjunto alargado de proprietários e profissionais de prestígio para a causa da República através de uma vasta rede de sociabilidade, comissões políticas, clubes, escolas e centros políticos. A secundar esta elite republicana estava um grupo alargado de comerciantes, caixeiros, seareiros e profissionais dos ofícios, como alfaiates, barbeiros, sapateiros, relojoeiros, entre outros, que viam na República um regime que iria reformar a sociedade, trazendo o progresso às suas vidas e à sociedade em geral. A regeneração da Pátria seria obtida pela afirmação do cientismo, do positivismo, da laicização do Estado, do anticlericalismo, da descentralização, da moralização da administração, da liberdade de imprensa, do sufrágio universal, de eleições transparentes: em suma, da democracia no sentido mais moderno da palavra. A tímida industrialização, urbanização e terciarização da sociedade portuguesa trouxeram para a esfera política e social um conjunto de novos atores que queriam participar na causa pública e nas associações e eram atraídos pelas novas ideias republicanas, socialistas, anarquistas e sindicais. A Monarquia Constitucional, liberal, elitista, oligárquica e censitária não atribuía direitos políticos e sociais a uma parte significativa desta classe média/baixa, que tinha aspirações de mobilidade social para si, para a sua família e para os seus companheiros¹⁵.

¹⁴ Monte, 1978, 41-58; Monte, 1984, 88; Frota, 2010, 4-11; Sá, Rêgo, 2011, 82, 102, 130 e 239.

¹⁵ Rêgo, 1986, 67; Catroga, 2000, 121-159; Fonseca, 2002, 185-221; Guimarães, 2006, 394-399; Frota, 2010, 4-11; Ventura, 2010, 7-35; Piçarra, Mateus, 2010, 7-30; Samara, 2010,

Os médicos foram um dos principais grupos profissionais que difundiram o ideal republicano no Alentejo, num período em que ganharam um enorme prestígio social. Os jovens médicos formados após o Ultimato Britânico nas Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto e na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra formaram um grupo de sociabilidade marcado pelas críticas às instituições monárquicas e por um forte desejo de progresso da sociedade portuguesa através da ciência, do positivismo e do republicanismo. Acreditavam que o progresso do conhecimento levaria ao progresso social. Com o seu saber especializado estavam numa posição privilegiada para identificar os males da sociedade e receitar a cura. Os médicos passaram a desempenhar um papel mais relevante na sociedade enquanto homens da ciência e promotores da higiene social e tornaram-se uma referência de integridade ética nas comunidades, pelos apoios e cuidados prestados aos mais pobres, muitas vezes sem cobrar honorários. Daí o seu papel relevante a nível social e político¹⁶.

O Alentejo teve um número significativo de médicos republicanos. No distrito de Beja salientaram-se Manuel de Brito Camacho¹⁷, António Aresta Branco¹⁸, Augusto Baeta das Neves Barreto¹⁹, Manuel Firmino da

3-10, 157-166; Gameiro, 2014, 221-677; Piçarra, 2019a, 6-9; Piçarra, 2019b, 5-7; Redondo Cardeñoso, 2021, 47-76.

16 Garnel, 2003, 213-253; Garnel, 2006, 77-88; Garnel, 2010, 230-257.

17 Rio de Moinhos (Aljustrel), 12/02/1862 – Lisboa, 19/09/1934. Formado em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1889. Começou por exercer a medicina na localidade do Torrão em 1889 e em 1891 ingressou no Exército como cirurgião ajudante. Em 1 de janeiro de 1906 fundou em Lisboa o jornal republicano *A Lucta*. Manuel de Brito Camacho passou a ser presença assídua em diversos comícios republicanos, foi eleito deputado pelo círculo de Beja em 1908 e 1910 e participou ativamente na preparação da revolução de 5 de outubro de 1910 (Rollo, Pires, 2015, 13-43).

18 Amareleja (Moura), 25/03/1862 – Lisboa, 14/10/1952. Trabalhou numa farmácia em Moura e posteriormente em Beja, enquanto estudava no Liceu local. Em Beja trabalhou na farmácia de José Lúcio Correia da Fonseca, conhecido republicano da capital do Baixo Alentejo. Foi aí que conheceu a sua futura esposa, Maria Ana Lança da Fonseca, filha do proprietário da farmácia. Em 1887 rumou a Lisboa, tendo frequentado o curso de Farmácia na Escola Politécnica e posteriormente o curso de medicina na Escola Médico-Cirúrgica, onde se licenciou em 1894. Em Lisboa começou a colaborar no jornal republicano *A Pátria*. Continuou com uma forte ligação ao Alentejo, desempenhando um papel importante na afirmação do republicanismo no distrito de Beja, sendo um dos membros da Comissão Distrital eleita em 8 de dezembro de 1908, cargo no qual se manteve até 1911. Foi candidato a deputado pelo PRP durante a Monarquia no círculo de Lisboa (1908) e de Beja (1910).

19 Castanheira de Pera, 13/09/1864 – Lisboa 27/12/1941. Bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra (1891), onde se iniciou no republicanismo. Participou nos protestos estudantis contra o Ultimato Britânico e nos trabalhos de preparação da Revolta Republicana do 31 de janeiro de 1891 no Porto. Em 4 de maio de 1892 iniciou funções

Costa²⁰, António Benevenuto Ladislau Piçarra²¹, Manuel Joaquim Brando²²,

como médico municipal na Câmara Municipal de Cuba. Desempenhou um importante papel em Cuba e no Baixo Alentejo na difusão dos ideais republicanos e na organização do Partido Republicano Português. Em 6 de novembro de 1904 deu o seu contributo para a vitória esmagadora do PRP nas eleições municipais, uma vez que as forças monárquicas não se apresentaram a votos, passando o PRP a dominar a Câmara Municipal de Cuba. Em 11 de março de 1906 realizou-se um comício em Cuba tendo por oradores principais Augusto Baeta das Neves Barreto e António José de Almeida. No final da Monarquia passou a participar em diversas cerimónias e atividades do PRP nas principais cidades do país e participou como candidato a deputado do PRP, no círculo de Beja, nas eleições legislativas de 1906 e 1908. A partir de dezembro de 1908 passou a integrar a Comissão Distrital de Beja do PRP, sendo reeleito em dezembro de 1910 (Rocha, 2012, 527-539).

- 20 Sangalhos (Anadia), 22/02/1878 – S. Teotónio (Odemira), 1929. Estudou medicina na Universidade de Coimbra, onde se iniciou nos ideais republicanos, tendo como mentor, Bernardino Machado. Em 1902 foi colocado em S. Teotónio como médico municipal do concelho de Odemira. Procurou o desenvolvimento desta terra e a melhoria das condições de vida da população, ajudando em particular os mais pobres. Em 1903, com outros notáveis, fundou a Sociedade Recreativa São Teotonense, onde ainda hoje são desenvolvidas atividades culturais. Em 1903 criou a Caixa Escolar Fraternidade com o objetivo de garantir o fornecimento gratuito de comida, roupa e calçado às crianças desfavorecidas da freguesia. Criou e incentivou as Festas da Ave e da Árvore – representações teatrais e atuações da Banda Filarmónica para angariação de fundos para aquela instituição. Em 1905, fundou a Biblioteca Popular de S. Teotónio. Em 1911, fundou o Sindicato Agrícola e a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de S. Teotónio, que tinham por objetivo fornecer aos agricultores, a preços acessíveis, as alfaias, máquinas, adubos e sementes, facilidades de empréstimos e orientação nos negócios. Ajudou a estruturar o PRP no concelho de Odemira, tendo tido um papel importante nas eleições municipais de 1 de novembro de 1908, onde os republicanos obtiveram a maioria absoluta na Câmara Municipal de Odemira. Foi eleito membro substituto da comissão distrital do PRP no distrito de Beja no final da Monarquia e no início da I República.

- 21 Brinches (Serpa), 27/07/1862 – Lisboa, 05/09/1930. Estudou primeiramente na Escola Politécnica do Porto, nomeadamente no curso de agricultores no ano letivo 1881-1882 e posteriormente licenciou-se em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 25 de julho de 1889. Ladislau Piçarra fez parte do Grupo Republicano de Estudos Sociais, criado em agosto de 1896. Foi sócio fundador da Liga de Educação Nacional em 1908. Apoiou fortemente a fundação da Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Serpa em 1909. Foi um grande propagandista dos ideais republicanos. Foi eleito para a Comissão Municipal Republicana de Serpa em 1896 e para a Comissão Distrital de Beja do PRP, enquanto membro substituto, em dezembro de 1910. Foi candidato a deputado pelo círculo de Beja nas listas do PRP nas eleições de 28 de agosto de 1910. Teve uma colaboração muito ativa em jornais e revistas, com publicações de política, medicina, agricultura, higiene, educação, pedagogia e etnografia. Fundou e dirigiu com Manuel Dias Nunes, *A Tradição*, «revista mensal de etnografia portuguesa ilustrada» que se publicou em Serpa entre 1899 e 1904 (Pereira, 2012, 171; Castelo, 2003, 1085).

- 22 Aljustrel, 1865 – Aljustrel, 29/09/1934. Formou-se em medicina, exercendo a sua profissão de forma altruísta, durante longas décadas em Aljustrel. Foi presidente da comissão

António Francisco Colaço²³, Agostinho Caro Quintiliano²⁴ e Afonso Henriques do Prado Castro e Lemos²⁵. No distrito de Évora evidenciaram-se Manuel Gomes Fradinho²⁶, Evaristo José Cutileiro²⁷, Júlio Augusto do Patrocínio

municipal de Aljustrel do PRP desde o final do século XIX e integrou a comissão distrital do PRP no final da Monarquia e no início da I República. Teve ação preponderante na fundação e direção das seguintes associações: Montepio Aljustrelense, em 1893, Sindicato Agrícola, em 1907, Centro Republicano de Instrução e Recreio Aljustrelense, em 1907/1908 e Caixa de Crédito Agrícola, em 1912 (*Boletim do Partido Republicano Português*. 1912, 117).

- ²³ Castro Verde, 06/03/1866 – Lisboa, 21/12/1934. Os seus pais tinham recursos patrimoniais e financeiros significativos. Formou-se em medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1895. Exerceu a atividade de médico e matemático em Castro Verde, sendo muito querido dos mais pobres, uma vez que trabalhava muitas vezes de forma gratuita e solidária. Foi ainda um grande proprietário, possuindo várias herdades. Após tomar contacto, enquanto estudante em Lisboa, com algumas das mais importantes figuras do republicanismo, regressou a Castro Verde e tornou-se numa das referências do republicanismo na sua Vila. Passou a liderar a Comissão Municipal do PRP desde 1907, foi candidato a deputado pelo círculo de Beja nas listas do PRP nas eleições de 1908 e foi eleito em dezembro de 1910 como membro substituto da Comissão Distrital de Beja do PRP. Teve ainda um papel importante na mobilização de uma geração de proprietários e profissionais de prestígio do Baixo Alentejo para se aproximarem do republicanismo. (Rego, 2010a; Rego, 2010b, 10-11; Pata, 2010).
- ²⁴ Natural da freguesia da Amareleja (Moura). Médico em Amareleja, membro substituto da Comissão Municipal de Moura do Partido Republicano Português no final da Monarquia e início da República.
- ²⁵ Moura, 20/10/1865 – Lisboa, 15/12/1944. Formou-se em medicina, em 1892, na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Foi no período académico que se deu o seu envolvimento no movimento republicano, tendo sido redator dos jornais académicos *A Pátria*, *Ultimatum e Justiça*. Participou igualmente na preparação do movimento republicano de 31 de janeiro de 1891 na capital. Foi iniciado maçom em 1892, na loja Fraternidade, com o nome simbólico de Schopenhauer. Foi presidente da Comissão Municipal do PRP em Lisboa e vereador da Câmara Municipal de Lisboa. Foi candidato do PRP no círculo de Santarém nas eleições de 19 de agosto de 1906.
- ²⁶ Évora, 1873 – ?. Frequentou o liceu de Évora entre 1892 e 1895 e formou-se em medicina em 1902 na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Era proprietário e professor do Liceu de Évora, onde se tornaria reitor após o 5 de outubro de 1910. Aderiu ao PRP no final de 1909, passando a fazer parte da comissão distrital do Partido Republicano Português de Évora. Em 7 de outubro de 1910 foi nomeado vice-presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Évora, mantendo-se na vereação até 1913. (Gameiro, Bernardo, 2012, 589-605).
- ²⁷ Évora, 19/11/1864 – Covilhã, 09/09/1913. Formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e exerceu clínica em Évora e Lisboa. Em Évora foi o fundador do Centro Republicano Democrático Liberdade em 1906 e presidiu à primeira comissão municipal do PRP em 1907. Pertenceu ainda à Comissão Distrital de Évora do PRP na fase final da Monarquia e no início da República. Colaborou em diversos jornais de Évora e ajudou a criar o periódico *Voz Pública* em 1904, de que foi também proprietário e diretor. Gozava de

Martins²⁸, Agostinho Felício Pereira Caeiro²⁹, António Afonso Garcia da Costa³⁰, João Luís Ricardo da Silva³¹, Artur Rovisco Garcia³², Manuel Luís de Castro³³ e Manuel Sereto Moniz³⁴. No distrito de Portalegre

enormes simpatias e dum prestígio extraordinário entre as classes trabalhadoras, porque consagrava a maior parte da sua ação política e profissional à defesa do bem-estar dos mais desprotegidos. Foi o candidato a deputado do Partido Republicano Português pelo círculo de Évora às eleições de 1906 e 1908.

- 28 Casa Branca (Sousel), 1878 – Sousel, 13/05/1922. Fez estudos no Liceu de Évora e posteriormente em Lisboa, frequentando a Escola Médico-Cirúrgica, pela qual alcançou o bacharelato em Medicina no ano de 1907. Começou por dedicar-se à atividade clínica em Évora, onde desempenhou um papel importante na divulgação dos ideais republicanos. Em Évora inscreveu-se no Centro Republicano Democrático Liberdade. Foi membro da Comissão Distrital de Évora do PRP na fase final da Monarquia e no início da República. Foi candidato a deputado pelo PRP no círculo de Évora nas eleições de 28 de agosto de 1910. Foi redator principal do jornal eborense, *Voz Publica*, desde 9 de agosto de 1910. Após a revolução republicana foi nomeado presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Évora no dia 7 de outubro, mantendo-se no cargo até 5 de dezembro de 1910 (Gameiro, 2013, 39-41).
- 29 Évora, 14/09/1882 – Évora, 27/07/1946. Estudou no Liceu de Évora e na escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde se formou em medicina. Desempenhou as funções de médico e de capitão do Exército. Foi diretor do Hospital Militar de Évora, diretor do Hospital Civil de Évora, presidente dos Bombeiros Voluntários de Évora. *Aderiu ao republicanismo e tornou-se membro* da Carbonária em Évora, tendo ajudado na preparação da revolução republicana de 1910. *Foi secretário da Comissão Municipal do PRP na fase final da Monarquia e no início da República.*
- 30 Reguengos de Monsaraz, 14/07/1875 – Reguengos de Monsaraz, 24/03/1951. Formou-se em 1901 na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Foi diretor clínico do Hospital de Reguengos de Monsaraz e diretor da escola da mesma localidade. Pertenceu à comissão distrital do Partido Republicano Português de Évora como substituto no final da Monarquia e no início da República.
- 31 Vendas Novas (Montemor-o-Novo), 21/03/1875 – Parede (Cascais), 01/01/1929. Cursou medicina na Escola Médico-Cirúrgica, pela qual se formou em 27 de julho de 1900. Tendo assentado praça no ano de 1896, fez carreira como médico militar e exerceu clínica em Montemor-o-Novo. Propagandista da República no Alentejo, filiou-se no Partido Republicano Português, tendo presidido à comissão municipal republicana de Montemor-o-Novo de 1909 a 1912 (Pereira, 2012, 284-285; Ventura, 2013b, 20-21; Fonseca, 2013, 117; Fonseca, 2021).
- 32 Couço (Coruche), 1869 – Lisboa, 1937. Médico em Montargil e Mora, proprietário e industrial da moagem e da cortiça. Fez parte comissão política do PRP de Mora no final da Monarquia e início da I República.
- 33 Médico em Mora e membro da comissão política do PRP no final da Monarquia e início da I República.
- 34 Médico em Mora e membro da comissão política do PRP no final da Monarquia e início da I República.

distinguiram-se Francisco Eusébio Lourenço Leão³⁵, Manuel António Gonçalves Pinheiro³⁶, Henrique José Caldeira Queirós³⁷ e Acúrcio Gomes da Conceição e Silva³⁸.

As farmácias constituíram-se igualmente como um importante local de sociabilidade dos republicanos em muitas localidades. No Alentejo destacaram-se os farmacêuticos Jaime Arnaldo Lopes Brejo³⁹, José Bastos da

-
- 35 Degracia Cimeira (Gavião), 02/02/1864 – Lisboa, 21/11/1926. Formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em julho de 1890. Entre 1890 e 1895 foi médico municipal em Gavião. Instalou-se então em Lisboa, especializando-se em Urologia e deslocando-se a Paris e Berlim para aprofundar os seus estudos. Fundou em Lisboa, com outros republicanos, o jornal *A Pátria* (29-01-1890) e no Gavião o semanário *Norte do Alentejo* (22-9 a 13-10-1892). Colaborou em diversos jornais como o *Eco do Gavião*, *O Abrantes* (diretor político), *Comércio do Alentejo* (Portalegre), *Vanguarda*, *A Lucta* e *O Intransigente*, com artigos políticos e na revista *A Imprensa* (1885-1891). Em termos científicos, escreveu diversos artigos para a revista *Medicina Contemporânea*. Participou na propaganda republicana em torno da questão do ultimato britânico de 1890, fazendo parte da Comissão de Subscrição Nacional. Entrou para a Maçonaria em 1893 num triângulo em Portalegre, regularizando-se depois nas lojas Elias Garcia (1895) e José Estêvão (1912), de Lisboa. Foi eleito membro da Junta Diretora do Sul do Partido Republicano e em outubro de 1909 ascendeu a secretário do Diretório do Partido Republicano Português no Congresso de Setúbal. Apresentou-se como candidato a deputado do PRP pelo círculo de Portalegre em 1892, 1894 e 1908, mas sem chegar a ser eleito. Desempenhou um papel importante na preparação da revolução republicana, servindo o seu consultório no Chiado como local de reuniões (Ferreira, 2017, 32-59).
- 36 Santa Eulália (Elvas), 14/09/1881 – ?. Era filho de lavradores abastados, o que lhe possibilitou ter uma educação esmerada. Licenciou-se em medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, fez uma especialização em Oftalmologia e exerceu medicina na sua terra natal. Foi um republicano com fortes convicções sociais, pelo que acudia a todos os que precisavam, não cobrando pelas consultas que dava aos mais pobres, pelo que ficou conhecido na região como o «médico do povo».
- 37 Borba, 05/07/1876 – Elvas, 23/10/1942. Frequentou a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, mas acabou por concluir medicina no Porto em 1903. Durante a sua estadia em Lisboa abraçou o republicanismo e foi um dos subscritores do Manifesto Republicano Académico (1897), fundador e dirigente da Maçonaria Académica (1896-1897) e da Liga Académica Republicana. Exerceu o cargo de médico municipal em Borba e em Galveias (Ponte de Sor). Pertenceu à comissão paroquial do PRP de Galveias no final da Monarquia e no início da I República. Foi um dos grandes propagandistas da República no distrito de Portalegre. Colaborou com o jornal *Intransigente* de Portalegre desde a sua fundação em 1908. Foi candidato pelo PRP no círculo de Portalegre nas eleições de 1908 e 1910 (Ventura, 2010, 93).
- 38 Formado pela escola médica-cirúrgica do Porto em 1897. Exerceu medicina em Sousel, onde fez parte da Comissão Municipal do PRP no final da I República e início da II República.
- 39 Montemor-o-Novo, 1885 – ?. Era farmacêutico e comerciante. A *Farmácia Montemorense*, de que era proprietário, era o local de encontro dos republicanos da vila. Pertenceu à comissão distrital do Partido Republicano Português de Évora como substituto no final

Costa⁴⁰, Elísio Rodrigues Moura⁴¹, Francisco José da Rosa Correia⁴², José António do Nascimento Mendes⁴³, José Lúcio Correia da Fonseca⁴⁴ e Matias Nunes Silveira⁴⁵.

Os advogados e os juristas, durante o século XIX, tiveram também um lugar de destaque na política. Na fase final da Monarquia distinguiram-se Manuel Duarte Laranja Gomes Palma⁴⁶, Francisco Manuel Pereira Coelho⁴⁷,

da Monarquia e no início da República. Foi um dos fundadores da Loja Maçónica *União e Trabalho* em Montemor-o-Novo.

- 40 Farmacêutico em Almodôvar. Secretário da Comissão Municipal do PRP de Almodôvar no final da Monarquia e início da República.
- 41 Farmacêutico em Portel e membro da comissão política do PRP no final da Monarquia e início da I República.
- 42 Farmacêutico em Campo Maior. Foi secretário da Comissão Municipal do PRP em Campo Maior no final da Monarquia e início da I República.
- 43 Farmacêutico em Castelo de Vide. Membro da Comissão Municipal do PRP em Castelo de Vide no final da Monarquia e início da I República.
- 44 Farmacêutico em Beja, sogro de António Aresta Branco.
- 45 Farmacêutico em Beja.
- 46 Beja, 1858 – ?. Estudou na Universidade de Coimbra entre 1878 e 1885, formando-se em Direito. Em Coimbra fundou com Azevedo e Silva o jornal *A Evolução*. As páginas do jornal serviram para criticar alguns professores e os métodos pedagógicos retrógrados da Universidade, o que lhe valeu a expulsão, ainda que mais tarde voltasse a ser readmitido. Após a conclusão do curso regressou a Beja e dedicou-se à advocacia e à gestão das suas propriedades. A sua ligação ao movimento republicano remonta ao início da década de 1880, quando ainda estudante na Universidade de Coimbra. Em 1890 foi presidente da Câmara Municipal de Beja, tendo impulsionado a criação do Museu Arqueológico de Beja em 1892. Em 1908 foi candidato pelo PRP à Câmara Municipal de Beja. Em dezembro de 1910 foi eleito membro da comissão distrital de Beja do PRP. Foi o primeiro presidente da comissão administrativa que liderou Câmara Municipal de Beja após a revolução republicana. Fundou o Sindicato Agrícola de Beja em 1914 (Piçarra, Mateus, 2010, 123-124).
- 47 Corte Pequena, freguesia de Alcaria Ruiva (Mértola), 06/01/1881 – Beja, 16/07/1924. Filho de Francisco Manuel Pereira, lavrador. Estudou Direito na Universidade de Coimbra entre 1902 e 1907, tendo participado no protesto académico de 1907. Neste último ano e ainda a estudar em Coimbra, ingressou no PRP de Beja pela mão de António Aresta Branco. No ano seguinte abriu escritório de advogado em Beja e posteriormente tornou-se conservador do Registo Predial em Beja. Foi eleito membro substituto da Comissão Distrital de Beja do PRP no final da Monarquia e presidente da Comissão Municipal do PRP de Beja em dezembro de 1910. Nos últimos anos da Monarquia colaborou com António Aresta Branco e Manuel de Brito Camacho na propaganda republicana no Alentejo e nas eleições legislativas de 28 de agosto de 1910 foi candidato a deputado pelo círculo de Beja pelo PRP. Em 1910 ingressou na Carbonária, sendo um elemento central desta organização na preparação da Revolução Republicana. Após receber a notícia dos acontecimentos que estavam a ocorrer em Lisboa discursou de uma janela da Praça D. Manuel (hoje Praça da República), em Beja, no dia 5 de outubro de 1910, anunciando a proclamação da República.

Pedro Sequeira Feio⁴⁸ e Júlio Augusto Martins⁴⁹.

Embora os proprietários estivessem maioritariamente ligados aos partidos monárquicos, não podemos ignorar o importante papel que alguns deles tiveram na divulgação dos ideais republicanos. Sobretudo os que acumulavam essa condição com a de médico e advogado, entre outras profissões conforme identificamos atrás. Para além desses, notabilizaram-se José Jacinto Nunes⁵⁰, Ernesto Augusto de Carvalho⁵¹, Joaquim Filipe de Oliveira Fernandes⁵², Estêvão Augusto da Cunha Pimentel⁵³, Albino da Costa Cró Pimenta de

48 Licenciado em Direito, membro da Comissão Municipal de Beja do PRP na fase final da Monarquia e início da I República. Substituto de Juiz de Direito na comarca de Beja em 1909. Vereador da Câmara Municipal de Beja após a revolução republicana de 5 de outubro de 1910.

49 Lisboa, 24/04/1866 – Santo André (Estremoz), 08/11/1936. Advogado e presidente da comissão municipal do PRP de Estremoz no final da I República e início da II República. Fundou o Centro Republicano de Estremoz em 1891 e aderiu à Maçonaria. Aderiu à União Republicana. Colaborou no jornal *Democracia do Sul*. Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Estremoz após a implantação da República. Representou a família Andrade no «caso de Barbacena», processo judicial que opôs esta família a um conjunto de seareiros sobre o domínio pleno de terrenos agrícolas na freguesia de Barbacena, concelho de Elvas (Correia, 2013, 68-69).

50 Pedrógão Grande, 25/10/1839 – Grândola, 09/11/1931. Formando-se em direito na Universidade de Coimbra em 1865. Advogado em Pedrógão Grande e Lisboa e subdelegado do Procurador Régio na capital em 1865, exerceu as funções de administrador dos concelhos de Grândola, Torres Vedras e Abrantes entre 1866 e 1869. Em 1870 tornou-se presidente da Câmara Municipal de Grândola, localidade onde se instalou após o casamento e onde era grande proprietário. Manteve-se na presidência do município durante várias décadas com pequenas interrupções, transformando esta vila num dos principais bastiões do republicanismo. Ainda em 1870 candidatou-se pela primeira vez pelo PRP à Câmara dos Deputados, pelo círculo de Setúbal, mas só foi eleito em 1893 por Lisboa. Foi candidato a deputado pelo PRP pelo círculo de Évora em 1906 e por Beja em 1908. Fez parte do diretório do Partido Republicano Português, tendo sido vítima de perseguições e preso por duas vezes. Era um grande defensor da descentralização administrativa. Era o sogro de Manuel de Brito Camacho e pai de Jorge de Vasconcelos Nunes.

51 Messejana (Aljustrel) ? – ?. Foi um grande proprietário agrícola em Messejana (Aljustrel). Fundou o jornal *Campo de Ourique* em 1880 onde desempenhava as funções de diretor literário. Foi candidato a deputado pelo PRP no círculo de Beja nas eleições de 28 de agosto de 1910. Foi eleito membro da comissão Distrital de Beja do PRP em dezembro de 1910 (*Boletim do Partido Republicano Português*, 1912, 117; Carvalho, 2006).

52 Proprietário agrícola em Beja. Foi eleito membro substituto da Comissão Distrital de Beja do PRP em dezembro de 1910 (Piçarra, 2019b, 5-7; Piçarra, Mateus, 2010, 12-18 e 118-119).

53 Évora, 16/02/1882 – Algés (Oeiras), 16/01/1955. Frequentou o liceu de Évora entre 1892 e 1895 e formou-se em engenharia civil de obras públicas pela academia politécnica do Porto. Era proprietário em Évora e em 1906 começou a preparar com outros empresários

Aguiar⁵⁴, Pedro Castro da Silveira⁵⁵, João Paes Rodrigues de Canavilhas⁵⁶ e Carlos Moreira da Costa Pinto⁵⁷.

alentejanos a criação de uma empresa de eletricidade. Em 1909 tornou-se um dos diretores da Companhia Eborense de Eletricidade, que tinha uma central elétrica e uma rede de distribuição de eletricidade em Évora. Foi presidente da Comissão Municipal do PRP no concelho de Évora na fase final da Monarquia e no início da República. Em 1910 foi eleito Presidente da Assembleia Geral do Centro Republicano Democrático Liberdade de Évora. Em 1909 foi nomeado diretor d'A Voz Pública, de Évora, mantendo-se no cargo até 2 de julho de 1912. Ingressou na carbonária antes da revolução republicana de 1910 tentou aliciar vários militares de Évora e de Estremoz na conspiração republicana de outubro de 1910. Não teve êxito nesta iniciativa, mas participou na revolução de 4 e 5 de outubro de 1910 em Lisboa. As suas funções consistiram em garantir a circulação de informações entre os vários focos da sublevação, tendo desempenhado as funções de telegrafista no Quartel do Carmo. Na noite de 5 de outubro de 1910 regressou a Évora e proclamou a República nos Paços do Concelho. Ainda nesse dia foi nomeado governador civil de Évora, cargo em que manteve até 16 de agosto de 1911 (Monte, 1978, 41-58; Monte, 1984, 88; Frota, 2010, 4-11).

⁵⁴ Montemor-o-Novo, 05/07/1876 – Lisboa, 19/10/1940. Era proprietário e agricultor. Teve uma colaboração ativa em vários jornais. Foi redator de *A Mocidade*, diretor literário de *O Meridional* e articulista do *Democracia do Sul*. Pertenceu à comissão distrital do Partido Republicano Português de Évora e à comissão municipal do mesmo partido em Montemor-o-Novo desde 1908. Exerceu funções de presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo entre 17 de outubro de 1910 e dezembro de 1913. Iniciado na Maçonaria em 1911 em Montemor-o-Novo (Ventura, 2013b, 20-21; Fonseca, 2013, 117).

⁵⁵ Lisboa, 17/07/1867 – Trafaria 04/10/1953. Frequentou o Colégio Militar e a Escola Politécnica, onde se formou em engenharia civil onde se iniciou no republicanismo. Veio trabalhar na Junta das Estradas, passando a residir em Castelo de Vide. Após o casamento com Mary Chadwick Robinson fixou-se em Portalegre, passando a dedicar-se a várias atividades empresariais e agrícolas. Pedro Castro da Silveira apoiou a fundação do Montepio Operário, da Sociedade União Operária, da creche João Baptista Rolo, Sindicato Agrícola Portalegrense e da Associação dos Bombeiros Voluntários de Portalegre, da qual foi o seu primeiro comandante. Foi presidente da Comissão Municipal e Distrital de Portalegre do PRP no final da Monarquia e início da I República. Foi candidato à Câmara Municipal de Portalegre em 1908. Foi iniciado na Maçonaria em 13/04/1911 na Loja Miguel Bombarda, com o nome simbólico de Lutero (Ventura, 2010, 94).

⁵⁶ Proprietário da freguesia do Ervedal (Avis). Presidente da comissão municipal de Avis do PRP no final da Monarquia e início da I República. Foi vogal da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Avis (1910-1911).

⁵⁷ São João da Ribeira (Sousel), 18/02/1871 – Lisboa, 28/03/1944. Destacou-se como um lavrador moderno gerindo mais de 2000 hectares em Sousel e Fronteira. Aderiu ao republicanismo na juventude e fez parte da Comissão Distrital de Portalegre do PRP em 1909 (Ventura, 2010, 91-92).

Em relação aos professores é de assinalar o importante grupo criado no liceu de Portalegre, onde se destacaram António José Lourinho⁵⁸, Álvaro Coelho de Sampaio⁵⁹, Baltasar de Almeida Teixeira⁶⁰ e Emílio Martins Costa⁶¹. Já em Évora, os professores republicanos só ganharam protagonismo após a implantação da República⁶².

-
- 58 Ribeira de Nisa (Portalegre), 30/04/1858 – Lisboa, 23/03/1917. Estudou no Seminário de Portalegre e em 1885 concluiu o Curso Superior de Letras em Lisboa. Foi professor do Seminário (lecionou Latim e Filosofia) e do Liceu de Portalegre (1885-1915), do qual foi também secretário e reitor. Católico convicto, sendo por isso uma exceção junto dos republicanos maioritariamente anticlericais. Iniciou-se na política no Partido Progressista e aderiu ao Partido Republicano Português em 1892. Nesse ano foi candidato a deputado pelo círculo de Portalegre com Eusébio Leão e João Chagas. Voltou a ser candidato a deputado pelo PRP pelo círculo de Portalegre em 1894. Foi presidente da Comissão Distrital de Portalegre do PRP. Após a implantação da República foi nomeado Presidente da Comissão Administrativa Municipal de Portalegre. Foi um pródigo conferencista, em particular na sequência do Ultimato Britânico (1890). Próximo da classe corticeira foi um dos fundadores da Sociedade União Operária (1896), da Creche João Baptista Rolo e da Associação de Bombeiros Voluntários de Portalegre (1898). Colaborou em diversos periódicos da sua terra natal. (Ventura, 1991, 10-11, 33-34 e 44-45; Ventura, 2010, 86; Henriques, Castro, 2013, 289-314).
- 59 Professor liceal de ginástica em Portalegre. Foi secretário da Comissão Distrital de Portalegre do PRP no final da Monarquia e início da I República. Foi o primeiro Presidente da Direção da associação de futebol de Portalegre.
- 60 Leiria, 12/12/1871 – Lisboa, 17/07/1975. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra. Desempenhou as funções de professor nos liceus de Lamego, Beja e Portalegre, onde também se instalou como advogado a partir de 1906. Foi presidente da Comissão Municipal de Portalegre do PRP no final da Monarquia e início da I República. Pertenceu à Maçonaria, tendo sido iniciado com o nome simbólico de Lamartine e tendo ocupado cargos de relevo no Grande Oriente Lusitano Unido (Ventura, 2010, 95).
- 61 (Portalegre, 21/02/1877 – Lisboa, 17/02/1952). Frequentou o Liceu de Portalegre e em 1896 instalou-se em Lisboa para frequentar o Curso Superior de Letras. Iniciou-se então no ativismo político, tendo assinado em 1897 o *Manifesto Republicano Académico* e participado na fundação do Centro Académico Republicano. Ainda como estudante participou na Carbonária Portuguesa e tornou-se membro ativo da Loja Maçónica Montanha em 1900, onde chegou ao grau de mestre. Teve uma participação muita ativa na imprensa e participou na fundação do jornal *O Amigo do Povo*, que foi editado entre os anos de 1901 e 1903 em Portalegre. Entre 1903 e 1909 viajou por França, Bélgica e Suíça onde desenvolveu atividades académicas e intelectuais. De regresso a Portalegre em 1909 participou na propaganda antimonorquista, tornou-se redator d'*O Intransigente* e iniciou a carreira docente no Liceu Portalegre.
- 62 Gameiro, 2014, 672.

Alguns militares alentejanos tiveram um papel importante na implantação da República na região, nomeadamente José António de Andrade Sequeira⁶³ e Jorge Frederico Velez Caroço⁶⁴.

Entre os comerciantes, homens de negócios e lojistas distinguiram-se no ativismo republicano, antes do 5 de outubro, António dos Santos Cartaxo⁶⁵, José António Mendes⁶⁶, Joaquim Pedro de Matos⁶⁷ e Francisco Borges Tristão⁶⁸.

Quanto aos resultados eleitorais, o PRP teve um crescimento notável na fase final da Monarquia nos distritos de Lisboa, Setúbal, Santarém, Portalegre, Évora, Beja e Leiria, embora apenas tenha conseguido eleger deputados nos círculos de Lisboa, Setúbal e Beja no século XX. Em 1878, o PRP elegeu o seu primeiro deputado pelo Porto e até 1899 foi conseguindo eleger, nos sucessivos sufrágios, um a quatro deputados nos círculos de Lisboa e Porto, com exceção das eleições de 1895 e 1897 em que não conseguiu nenhum deputado⁶⁹. Os republicanos participaram nas eleições em algumas ocasiões nos círculos do Alentejo, como em

⁶³ S. Lourenço (Portalegre), 04/02/1876 – S. Lourenço (Portalegre), 02/09/1952. Formou-se em medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1900, seguindo posteriormente a carreira de médico naval na Marinha. Republicano desde a juventude, foi candidato a deputado pelo círculo de Portalegre nas listas do PRP nas eleições de 1910 e foi o primeiro governador civil de Portalegre após revolução republicana (Ventura, 2010, 97).

⁶⁴ Portalegre, 08/09/1870 – Portalegre, 22/03/1966. Concluiu o curso de Infantaria na Escola do Exército em 1893. Comandou a partir de 1902 a secção da Guarda Fiscal em Portalegre. Fez parte do comité revolucionário republicano de Portalegre em outubro de 1910 (Ventura, 2010, 85).

⁶⁵ Santiago do Escoural (Montemor-o-Novo), 1875 – ?. Era comerciante em Évora. Foi um dos fundadores do Centro Republicano Eborense em 25 de novembro de 1906. Em maio de 1907 foi eleito como membro da primeira comissão municipal do PRP de Évora. Foi candidato pela lista republicana à Câmara Municipal de Évora nas eleições de 1908. Integrou, desde 7 de outubro de 1910, a Comissão Administrativa do município de Évora na sequência da implantação da República. Foi membro da comissão revisora de contas da Associação Comercial e Industrial de Évora em 1925-1926.

⁶⁶ Comerciante em Campo Maior. Foi presidente da Comissão Municipal do PRP em Campo Maior no final da Monarquia e início da I República.

⁶⁷ Águeda, ? – Montemor-o-Novo, 18/03/1910. Estabeleceu-se em Montemor-o-Novo como comerciante por volta de 1880. A 1 de janeiro de 1901 fundou e dirigiu o semanário *Democracia do Sul*, órgão do PRP no concelho. Nesse ano, a 23 de maio, fez parte da primeira Comissão Municipal Republicana de Montemor-o-Novo. Mantinha contactos políticos intensos com Afonso Costa e Manuel de Arriaga. Foi vereador da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo e candidato a deputado pelo PRP, no círculo de Évora, em 1906 (Fonseca, 2013, 114-115).

⁶⁸ Comerciante. Membro da Comissão Municipal do PRP em Castelo de Vide no final da Monarquia e início da I República.

⁶⁹ Marques, 1991, 421; Proença, 2005, 35-36; Pires, 2017, 343.

1879, 1892 e 1894, em Portalegre⁷⁰ e em 1901 no círculo de Montemor-o-Novo⁷¹. Contudo, só a partir de 1906 é que começaram a obter algum êxito.

Nas eleições legislativas de 19 de agosto de 1906, os republicanos elegeram quatro deputados por Lisboa (Afonso Costa, António José de Almeida, Alexandre Braga e João de Meneses), alcançando as minorias nos dois círculos (oriental e ocidental) da capital. O Partido Republicano Português apresentou candidatos em 14 círculos eleitorais, sendo que no Alentejo apenas não concorreu no de Portalegre. No círculo de Évora apresentou Evaristo José Cutileiro e Joaquim Pedro de Matos. No de Beja, António Aresta Branco, Augusto Baeta das Neves Barreto, José Jacinto Nunes, Manuel de Brito Camacho e Miguel de Oliveira Fernandes⁷². Ainda nesse ano, em 4 de novembro, os republicanos, coligados com alguns monárquicos dissidentes, ganharam as eleições para a Câmara Municipal do Porto.

No dia 5 de abril de 1908 realizaram-se as eleições legislativas e o Partido Republicano Português conseguiu apresentar candidatos em todos os círculos do continente e nos de Ponta Delgada e Funchal. No círculo de Portalegre, os republicanos anunciaram quatro médicos como candidatos a deputados: Abílio Matias Ferreira, Francisco Eusébio Lourenço Leão, Henrique José Caldeira Queirós e João Rafael Moraes⁷³. No de Évora, os republicanos concorreram com Ângelo Rodrigues da Fonseca⁷⁴, Afonso Henriques do Prado Castro e Lemos, Evaristo José Cutileiro e Agostinho José Fortes⁷⁵. No de Beja, foram apresentados Manuel de Brito Camacho, José Miranda do Vale⁷⁶, Augusto Baeta das Neves Barreto, António Francisco Colaço e José Jacinto Nunes⁷⁷. O Partido Republicano Português melhorou o resultado eleitoral elegendo sete deputados. Voltou a eleger quatro deputados em Lisboa (Afonso Costa, António José de Almeida,

⁷⁰ Em 1892 o Partido Republicano Português apresentou no círculo n.º 87 (Portalegre) os candidatos António José Lourinho, Francisco Eusébio Leão e João Pinheiro Chagas. Em 1894 o Partido Republicano manteve os seus candidatos, à exceção de João Pinheiro Chagas, que foi substituído por Teófilo Braga. Nas duas eleições o Partido Regenerador ganhou as maiorias, elegendo três deputados, e Partido Progressista ganhou as minorias, elegendo um deputado. Os candidatos republicanos tiveram resultados que os deixaram muito longe da eleição (Ventura, 2010, 21).

⁷¹ O republicano Joaquim Pedro de Matos obteve 208 votos nas eleições legislativas de 1901, mas não conseguiu ser eleito deputado (Fonseca, 2021, 70).

⁷² Proprietário.

⁷³ *Almanak d'O Mundo*, 1909, 90-91.

⁷⁴ Lente de Medicina na Universidade de Coimbra.

⁷⁵ Professor no Curso Superior de Letras de Lisboa.

⁷⁶ Veterinário e agrónomo.

⁷⁷ *Nove de Julho*, 21.3.1908, 1.

Alexandre Braga e João de Menezes), ganhando as minorias no círculo oriental e ocidental da capital. Elegera pela primeira vez dois deputados em Setúbal (José Estêvão de Vasconcelos e Feio Terenas) e um deputado em Beja (Manuel de Brito Camacho). O governador civil de Beja, João Jardim de Vilhena, reconheceu décadas depois, que tinha usado vários estratagemas para melhorar os resultados eleitorais dos monárquicos. O líder local do PRP, Aresta Branco, procurou o governador civil para lhe pedir que enviasse uma «força policial para vigiar o acto eleitoral numa freguesia do distrito», pois costumava haver desordens. O governador civil aceitou num primeiro momento. Mas depois recuou, pois, ao reunir com os líderes locais do partido regenerador e do partido progressista, foi informado que «naquela assembleia eleitoral nós vencíamos sempre, apesar de ela ser muito republicana». Nessa reunião fizeram ainda um trabalho exaustivo para identificar os eleitores republicanos nos cadernos eleitorais. Aqueles a quem o governador civil tinha «perdoado multas, prisão, ou suspensão do exercício de venda» foram visitados por ele, para lhes pedir que votassem na lista monárquica, pois como «os havia favorecido», «esperava que fossem gratos». Contudo, como havia alguma desconfiança, colocou um pequeno chocalho nas listas que lhes entregou, para depois poder verificar se de facto tinham votado com a «lista chocalheira»⁷⁸. Das 18 listas entregues, 16 votaram na lista monárquica. No círculo de Évora, os candidatos republicanos ganharam no concelho de Évora, mas os resultados obtidos nos restantes concelhos inviabilizaram a sua eleição. Ainda nesse ano, em 1 de novembro, os republicanos ganharam as eleições em 16 municípios, entre os quais, Lisboa, Grândola, Odemira, Santiago do Cacém, Castro Verde, Cuba e Sousel⁷⁹.

Nas eleições legislativas de 28 de agosto de 1910 o PRP voltou a apresentar candidatos nos três círculos do Alentejo. Os republicanos realizaram várias sessões de propaganda em diversas localidades da região. A 14 de agosto de 1910 houve vários comícios no concelho de Évora, de manhã em Azaruja e Machede, e de tarde na Praça das Mercês, em Évora, para apoiar os candidatos do PRP pelo círculo: Júlio do Patrocínio Martins, Carlos Amaro de Miranda e Silva⁸⁰, Inocêncio Joaquim Camacho Rodrigues⁸¹ e Afonso Henriques do Prado Castro e Lemos. Em Beja o PRP apresentou como candidatos António Aresta Branco, António Benevento Ladislau Piçarra, Ernesto Campos de Carvalho, Francisco

⁷⁸ Vilhena, 1959, 109-110.

⁷⁹ Rêgo, 1986, 19-39; Frota, 2010, 4-11; Ventura, 2010, 7-35; Piçarra, Mateus, 2010, 7-30; Piçarra, 2019a, 6-9.

⁸⁰ Jornalista, poeta e dramaturgo. Formado em Direito.

⁸¹ Professor na Escola Politécnica de Lisboa. Bacharel em Farmácia.

Manuel Pereira Coelho e Manuel de Brito Camacho. No círculo eleitoral de Portalegre o PRP candidatou quatro médicos: Abílio Matias Ferreira, Henrique José Caldeira Queirós, José António de Andrade Sequeira, Manuel António Gonçalves Pinheiro. No mês de agosto o PRP realizou comícios em Arronches, Castelo de Vide, Alegrete, Campo Maior, Barbacena, Crato, Elvas e Portalegre, nos quais participaram milhares de pessoas. O Partido Republicano Português melhorou novamente os resultados a nível nacional, elegendo 14 deputados. Ganhou a maioria nos círculos de Lisboa ocidental (cinco deputados), Lisboa oriental (cinco deputados) e Setúbal (três deputados) e a minoria em Beja, sendo eleito novamente Manuel de Brito Camacho. Os candidatos republicanos ganharam nos concelhos de Beja, Cuba, Aljustrel, Castro Verde e Odemira, mas tiveram uma pesada derrota em Serpa, Moura e Barrancos. No círculo de Évora a lista do PRP ficou apenas atrás da lista governamental no concelho de Évora, Redondo e Viana do Alentejo, mas acabou por não conseguir eleger nenhum deputado no círculo. Em Portalegre, o PRP melhorou as votações face às eleições anteriores: ganhou em Arronches e Galveias, mas não conseguiu eleger nenhum deputado⁸².

O presente estudo incide sobre as eleições seguintes, nomeadamente as constituintes de 1911 e as eleições legislativas para a Câmara dos Deputados ocorridas nos seis círculos do Alentejo (Portalegre, Elvas, Estremoz, Évora, Beja e Aljustrel) durante a I República⁸³. No primeiro capítulo é analisada a legislação eleitoral, abordando alguns tópicos clássicos como os referentes aos eleitores, candidatos elegíveis, recenseamento eleitoral, método de escrutínio e círculos eleitorais. São tratados também outros temas que normalmente não são objeto de análise pela historiografia portuguesa, como o processo de candidatura e o contencioso eleitoral, designadamente a análise da ação das assembleias de apuramento e das comissões de verificação de poderes. Os oito capítulos seguintes são dedicados a cada um dos atos eleitorais ocorridos durante a I República: eleições para a Assembleia Nacional Constituinte de 28 de maio de 1911; eleições suplementares de 16 de novembro de 1913, eleições legislativas de 13 de junho de 1915, 28 de abril de 1918, 11 de maio de 1919, 10 de julho de 1921, 29 de janeiro de 1922 e 8 de novembro de 1925. Nestes capítulos são analisados diversos temas, como a contextualização política; o processo eleitoral que levava à escolha dos candidatos e que originava, por vezes, disputas entre as lideranças nacionais e regionais dos partidos políticos; a campanha eleitoral, com os comícios, o percurso

82 Ventura, 1981, 9-11; Frota, 2010, 4-11; Ventura, 2010, 7-35; Piçarra, Mateus, 2010, 7-30; Piçarra, 2019a, 6-9.

83 Nesta investigação não foi abordada as eleições para o Senado.

dos candidatos pelas vilas e cidades, os manifestos e as polémicas na imprensa; o clientelismo e o caciquismo político; os acordos, as fraudes e as irregularidades ocorridas nos atos eleitorais; e finalmente a análise dos resultados eleitorais, para cada eleição, comparando os resultados nacionais com os do Alentejo. Por fim, no último capítulo, é analisado o perfil social e político dos deputados eleitos no Alentejo durante a I República. Como complemento, em anexo, apresentam-se os quadros com os resultados eleitorais de todas as eleições nos seis círculos eleitorais do Alentejo.

Para os resultados eleitorais nacionais, recorreu-se aos dados publicados por Oliveira Marques⁸⁴, usados frequentemente por toda a historiografia portuguesa⁸⁵, e a um recente estudo de António José Queiroz⁸⁶. Contrariamente ao de Oliveira Marques, elaborado a partir das fontes hemerográficas, sujeitas, pois, a diversas imprecisões, e nem sempre definitivas, o de António José Queiroz (a partir das eleições suplementares de 1913) baseou-se nos dados oficiais que constam do Arquivo Histórico-Parlamentar. Para este trabalho sobre as eleições nos círculos do Alentejo, foram igualmente tidos em conta os resultados dos estudos de Ricardo Leite Pinto⁸⁷, Armando Malheiro da Silva⁸⁸ e Manuel Baiôa⁸⁹.

As principais fontes arquivísticas utilizadas neste estudo foram as depositadas no referido Arquivo Histórico Parlamentar onde se encontra toda a documentação oficial das eleições legislativas: listagens com o recenseamento eleitoral, atas das assembleias primárias, assembleias de apuramento e comissões de verificação de poderes; protestos e contraprotestos dos candidatos e dos seus representantes. O seu conjunto dá-nos os resultados oficiais das eleições. O que não significa que eles espelhem o que realmente se passou, já que as fraudes e falsificações não foram exclusivas das assembleias eleitorais. Verificaram-se também nas próprias comissões de verificação de poderes. Mas eram estas que proclamavam os deputados eleitos.

Teria sido muito importante encontrar mais arquivos privados que retratassem os bastidores das eleições, com as negociações, os acordos e as fraudes, conforme já foram identificados para outras regiões⁹⁰. No entanto, apenas reconhecemos e consultamos nesta investigação o Arquivo Professor António Lino Neto, o Fundo Tomé José de Barros Queirós e o Espólio Alberto Jordão Marques

⁸⁴ Marques, 1980, 126-128.

⁸⁵ Lopes, 1994, 32-33.

⁸⁶ Queiroz, 2021, 42-136.

⁸⁷ Pinto, 2021, 440-444.

⁸⁸ Silva, 2006, II, 177.

⁸⁹ Baiôa, 2015a, 309.

⁹⁰ Queirós, 2008, 115-116; Baiôa, 2015a, 291-317.

da Costa. Assim sendo, recorreu-se, pois, à imprensa nacional e regional e às memórias para obter o máximo de informações sobre estes tópicos, de modo a cruzá-los com as fontes oficiais e privadas. Mas uma coisa é certa: nada do que agora se pudesse ter encontrado em arquivos particulares iria alterar os resultados oficiais expressos neste estudo.